



## SAÚDE E LITERATURA: o grito de dor do sujeito portador de hanseníase transformado em conto

Eguimar Felício Chaveiro

[bpvilela@hotmail.com](mailto:bpvilela@hotmail.com)

Prof. Adjunto IESA/UFG

### RESUMO

Por meio de um levantamento de narrativas com sujeitos portadores de hanseníase, elaborou-se uma aglutinação entre Saúde e Literatura. Os dramas de vida efetivadas no regime de asilo e as representações negativas outorgadas ao asilado, ao modo da política de polícia de saúde, serviram para compor contos e poema-cartazes. Esses contos, ao traduzirem a voz simples do doente, demonstram a capacidade de saúde que pode emergir em qualquer situação de confinamento. E desperta para ver a doença junto com a saúde – e esta de acordo com a organização e a estrutura do espaço.

**Palavras-chave:** sujeito portador de hanseníase – literatura - saúde

### INTRODUÇÃO

A força do ressurgimento recente do campo denominado Geografia da Saúde ou Geografia Médica traz, junto, as possibilidades e as características acadêmicas que reinam no atual período. Dentre as características, se situa a necessidade dos trabalhos terem dimensões integradas, tanto na vertente das interpretações estruturais, quantitativas como qualitativas, assim como há uma solicitação para que os diferentes saberes e as diferentes áreas se aglutinem sem sufocar as identidades particulares dos campos que se integram.

O trabalho que se apresenta decorre desse vislumbre, supondo que o ser humano, ao se colocar como objeto de estudo, sintetiza um universo profundamente plural de conexões, mediações, ligações e comunicações. O binômio saúde-doença, dessa maneira, é uma realidade que diz respeito à economia, ao ambiente, ao funcionamento do organismo e das representações subjetivas, à cultura, aos símbolos, à estrutura dos saberes, às estratégias de poder das instituições liberais e, ao espaço, em suas várias escalas.

Como não há corpo perfeito, alma pronta, vida sem dor, saúde-doença é um atributo complexo em que potencialidade de vida não pode ser apagada por nenhuma técnica de poder. Cabe declarar também que não há nenhum processo de clausura, em nível perceptível ou em nível imperceptível, que rompe potências de saúde. Ou seja, o corpo tem, por diversos atributos, clausuras e em qualquer condição, potencialidades. Por esse viés de entendimento, balizamos a pesquisa em torno da vida do sujeito portador de hanseníase, especialmente da sua experiência de vida no espaço asilado – e isolado – da Colônia Santa Marta de Goiás, o atual H D S. A pesquisa mirada no campo da interpretação de saúde-doença pelo viés do espaço descortinou outras possibilidades.

Verificou-se que os sujeitos da comunidade de hanseníase, já com idades avançadas, tinham uma memória que, de um lado, era a expressão da política de polícia de saúde ao modo como o Estado tratava o antigo portador de lepra. Por outro lado, essa memória, azougada, febril e documental, tinha um sabor literário. A sua narrativa de vida era contos de uma modalidade de vida simples, subjugada, cheia de superações, experienciada sob sacrifícios, ao sabor dos saberes médicos, das organizações das instituições, mas com forte pendor de cidadania. Em muitos casos, o tom emotivo e crispado motivou um contorno poético:

**Lepra  
Morféia  
Mal de lázaro  
Coteno. Macuteno. Comunge.. Hanseníase  
Qualquer nome que se der a essa doença  
Não vai roubar o meu nome  
O meu nome, não!  
Não!  
Eu sou esse sujeito que atravessou o Meia Ponte  
Que atravessou a própria pele  
O olhar do outro  
E fui atravessado pelo tempo  
Como se tivesse inventando um poema  
Com a carne**

A partir da presença dessa voz-de-vida – e não de apenas representação, tal como se vê os modelos de fala do sujeito contemporâneo – abriu-se portas para contatos com instituições literárias, acadêmicas, artísticas. Descobriu-se que a literatura de fonte oral, enunciada pelas narrativas de vida, serviria para politizar a consciência de saúde-doença dessa comunidade. Mais que isso: de alguma maneira a voz do hanseniano é um retrato das contradições do mundo. Alçá-la serviria como uma intervenção política.

Fatos como a mãe que sonhava em ter uma filhinha e ao tê-la descobriu a lepra sem nunca poder ver o fruto do seu corpo e de seu desejo; a situação do indivíduo em que a esposa, em sabendo de sua doença, pediu a separação; ou mesmo o quantitativo gigante de pessoas que, vinculadas e fincadas, na liturgia do medo apregoado pela doença e pelo isolamento, se enlouqueciam; as fugas; a mendicância; as tentativas malogradas de viver fora do asilo e outros eventos, situações e fatos, depõem um pedaço de mundo que precisa ser compreendido. E mais: alimenta a consciência para se verificar o estágio em que se encontra a nossa consciência humana – e seus desvelos políticos.

O presente trabalho mostrará como, mediante o livro *A VIDA É UM ENGENHO DE PASSAGENS*, pudemos entrar na imaginação do sujeito portador de hanseníase, em seus dilemas, em sua dor, em sua resistência, em sua alegria e superação. Além disso, a partir dos contos – e do que eles revelam – constatou-se que a doença não é apenas uma possibilidade do organismo, mas um atributo da cultura, dos símbolos, da imagem, da autoestima e da representação de um indivíduo num tempo, do mesmo modo que, saúde não é apenas a ausência de doença, mas a integridade ética do sujeito que se liga à sua comunidade, que desenvolve potências coletivas de força, que, a despeito da dor, cria, produz, interfere.

### **1 – NOTAS METODOLÓGICAS – o encontro de dois saberes num único propósito: decifrar a arte de vida dos sujeitos contemporâneos.**

O encontro significativo de dois campos de saberes diferenciados, como a Geografia da Saúde ou Médica e a Literatura, demanda uma ousadia metodológica e certamente uma firmeza de propósitos.

Em decorrência desse fato, o grupo de pesquisas que se instalou no curso de Geografia, do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, da Universidade Federal de Goiás, sob a nossa coordenação, abrigou-se na disciplina Geografia e Demografia mediante o núcleo geral registrado no CNPQ com o título *A formação territorial de Goiás*.

A idéia de que os estudos e as pesquisas demográficas têm como meta interpretar as diferentes espacialidades do sujeito contemporâneo e sua lógica de inserção no mundo globalizado, nos conduziu ao encontro com o sujeito portador de hanseníase, da Colônia Santa Marta, de Goiânia.

À medida que o encontro com esse sujeito foi desatando descobertas, vislumbres, encantamentos e perplexidades, se tornou necessário uma compreensão teórica que fosse capaz de amparar, atualizadamente, as reflexões sobre ele. Abriu-se aí uma operação transdisciplinar em que uniu demografia, geografia de saúde e literatura.

Os princípios da Biopolítica por meio das reflexões desenvolvidas por Pelbart (2000) e o profundo debate com Jameson (1996), Deleuze e Guattari (1995) e outros autores, colocaram em destaque o pressuposto básico da pesquisa: o de que não há sujeito, portador de vida, que não tenha possibilidade de criação, superação, desenvolvimento de sensibilidade. Ou seja, todo sujeito vivo irmana o seu espaço e o Outro. Por outro lado, não há nenhum sujeito sem clausuras, livres das dores do mundo, fora das pressões, dos recalques, dos perigos externos e dos mistérios das células.

Esses princípios clarearam o sentido da pesquisa no sentido de que recuperar a voz do portador de hanseníase, abrir uma escuta a sua experiência de dor e superação, dar um destino literário e estético a sua arte de vida, tinha um significado político: gerar a cidadania, informar sobre o que há, ainda, de difícil, paradoxal, dorido. E portanto, o valor que se tem por lutar pela saúde no sentido de se ter o sujeito livre, ou se efetivar uma consciência que não cessa de lutar pela libertação.

Com os pressupostos teóricos definidos e contando com vários estudos e com levantamento de informações a respeito da hanseníase e de sua propagação no seio da carne contemporânea, especialmente da população mais empobrecida dos países pobres, efetivou-se os passos metodológicos.

- a) – Organização de um roteiro de entrevistas livres com o sujeito portador de hanseníase em que o estilo de fala desse sujeito fosse preservado como uma narrativa de vida
- b) – Gravamos as entrevistas num clima informal para que o pensamento, a imaginação e a memória do entrevistado se pusessem sem pressão
- c) – transformamos as entrevistas em textos impressos, marcando as pausas, os meneios, as fugas, os contornos da voz e a astúcia de linguagem
- d) – Fizemos uma leitura de cada narrativa sintetizando-a por eixos temáticos
- e) – Transformamos as narrativas em contos e poemas conservando o conteúdo e o regime de fala do entrevistado
- f) – fizemos um evento para devolver ao sujeito portador de hanseníase a sua fala e o resultado do trabalho
- g) – divulgamos o trabalho mediante contribuição de Organização Não Governamental, especialmente com a participação decisiva da Sociedade Civil Sócio-ambientalista Jacarandá da Pedra.

Trechos emblemáticos e sintetizadores do conteúdo abordado foram, também, transformados em poemas cartazes, tal como: EXISTIR, SEJA COMO FOR/ RESISTIR, SEJA COMO FLOR.

## **2 – O GRITO DE DOR EM CONTOS - o isolamento que enlouquece**

É comum, no âmbito da interpretação integrada de doença-saúde, descobrir que qualquer infecção acometida por um vírus, por exemplo, como a gripe, ao colocar a consciência do indivíduo para pensar a condição do seu corpo infeccionado, o leva a pensar em sentidos mais universais de sua vida.

Em muitos casos, ou na maioria deles, ocorrem processos de atualização ou de somatização. Assim, o indivíduo pode usar a doença como escudo para enfrentar o que, essencialmente, possui riscos, como a luta pela liberdade. No que diz respeito ao processo somático, uma doença chama outra. Isso é o que ocorre com a vida isolada.

O caso específico do portador de hanseníase, o isolamento aglutinado à força de preconceito do que possui o mal-de-lázaro, pode gerar enlouquecimento. Mas é mais que isso: o corte do indivíduo da sociabilidade com a família, o medo de não poder trabalhar, namorar, ter filhos. Ou, no caso específico das mulheres que são obrigadas a deixarem seus filhos para viver no asilo, o enlouquecimento passa ser a única possibilidade de viver sem pensar na dor. Veja a narrativa:

Tem esse proseio que todo mundo escuta aqui – e te falo que é assim memo: essa doença enlouquece a gente. Num é porque ela ataca a cabeça da gente, não. A cabeça fica sossegada, ela ataca o nariz, a boca, os nervo, os dedo – e qué cumer os órgãos da gente. Então a gente rebate com o pensamento. Mais de tanto fuçá no corpo, ela mexe no pensamento tamém. Mas só o susto que a gente leva, inda mais por causa da fama dessa doença, só o susto a gente já quase enlouquece. Só de ouvi falá o nome antigo dela, a gente já fica assim...E tem mais: pode ter vária loucura. Ocê ouviu esse proseio: aquelas mãe que foi tirado o fio pro mode não pegá doença, elas ficava louca. Conversava sozinha, chorava. Têm uns que ficou louco de saudade, de amargura e têm outros que sem fazê nada, fica pensano, pensano, pensano. Ninguém pode ficá pensano só numa coisa, não. E se ocê pensá numa coisa só, tem que pensá diferente dela.

Se ocê pensa dimais no que ocê perdeu, então ocê imagina o que podia ter feito, parece que mexe tudo no seu corpo, fica uma coisa muito estranha. Eu já fiquei com medo de enlouquecê. Fiquei memo! Eu ficava falano: “num é pussível” Num é pussível que isso foi acontecê comigo, a minha vida era tão boa, trabaiava, fazia as coisa. Então veio essa malquerência de repente e me engoliu. Me engoliu, não: tentou me engolir.

Agora esse negócio de loucura, primeiro que num sei se é ruim ocê ficá louco. Parece que é bão. Ocê faiz tudo o que ocê qué e num tem o pensamento, assim...pra te pertubá, prá fazê conta do que ocê faiz, o que tinha que fazê. Se ocê é louco ocê brinca com a língua, faiz careta, passa a mão em qualqué luga se dé vontade. Ocê fica brincando com a vontade, fazendo tudo que ela pede. Nós num...não...Nóis num faiz a vontade da gente, tem tudo, né, regra, comportamento. Eu acho que é purisso que todo mundo tem vontade de ficá louco um pouquinho, só pra experimentá.

Observa-se que a narrativa elaborada com simplicidade, possui uma riqueza de significação. Vê-se que ao ver colegas de asilo se enlouquecer, ao mesmo tempo que “dá medo” de ser pego pela doença da loucura, tem também vontade de experimentar, pois, assim, cumprirá um rito de liberdade. A loucura é um modo de freqüentar os lugares proibidos do corpo assinalados como regiões perigosas pelas instituições de controle. E embora sendo, decorre de uma dor além da própria capacidade do sujeito normal – e normalizado – resistir.

Numa oscilação entre pré-dica de liberdade e testemunha da dor, o enloquecimento é, de uma só vez, sinal do cárcere e resposta a ele. Pode ser o sinal mais visceral da dor e também o único recurso de poder brincar sem que o juízo da instituição julgue como fato de desespero.

Tomar a doença como instrumento psíquico somático, de atualização ou de forjamento de forças e de solidariedade, leva a pensar que o corpo em qualquer situação está disposto a uma disputa de sentidos:

Com doze ano a minha irmã viu que tinha a doença – a hanseníase, aí veio o derrame também. Naquele tempo num falava derrame, falava era asdestopôr. Por que naquele tempo num tinha o derrame... e essa doença num falava de hanseníase também, né? Era lepra, né? Agora que muita gente num conhece, né? Que que é a doença, né? E é desse jeito. Quem não conhece essa doença, ela gosta muito. Ela entra sem bater na porta. Tem que conhecê ela. Se conhecê ela, ela fica fraca. Ela gosta de quem não sabe o que é ela. E já vivo aqui e póso na mesma cama e num tem nada. Aqui têm uns amigo nosso que vem já toda sexta-feira, dois advogado. E sempre os amigo dele, que ele me contando, né? Nóis conversa muito, né? Contou: “Não tem gente que fala o que que cê vai fazer na colônia, cê

num tem medo, né?” Ele falou: “Não!” E ele vem toda sexta-feira aqui e sempre eles traz um café, um trem pra nós tomar três horas. E eles vem direto, direto e num tem nada.

Quando a minha irmã veio, todos da família era vivo ainda. É foi em... ela tinha doze ano, ela ta com cinq... ela é mais nova que eu era quatro ano mais nova. Tá com cinqüenta e seis ano, né? Não cinqüenta e quatro, né? Por que eu tô com sessenta e um. Né? Eu quando tinha a minha mãe eu falava “se eu tiver a minha mãe eu nunca caso, né?”. Aí ela morreu em cinqüenta e nove. Em setenta e um que eu casei. Aí eu já tinha a minha família, né? Ai eu fiquei, morei com minha família minha, eu morei quase que dez ano, ai nós disquitô. Aí eu rumei ôtra, ôtra mulher, aí eu adiquiri cinco fio. É com a segunda, a premêra não teve fio. Tá vendo?

Apesar de ver que a informação da irmã ter lepra levou-a ter, também, derrame, a sua ação de solidariedade com a irmã e o enfrentamento dos perigos do contágio, lhe potencializou para, em regime de profunda resignação, sacrificar a vida em nome da mãe. Morar num asilo para estar mais próximo da irmã que é acometida da “doença ruim”, e sacrificar o casamento em nome do cuidado com a mãe, foram ações decisivas para depois enfrentar a vida com mais coragem.

A situação de aprendizagem do sacrifício solidário envergou-se em sua conduta subjetiva – e em sua disposição para a vida, especialmente para o que é fluente e fundamental em qualquer quadro de sociabilidade: ressignificar condutas, refazer projetos, recolocar-se em novas raias para um sentido de abertura ao devir, próprio do movimento do mundo, da matéria e do espírito.

### **3 – O CAMINHO DO CORREDOR: a vida pede passagem**

Os estudos geográficos sobre espaços claustóforos ou sobre espaços confinados, geralmente assinalam o exercício de técnicas de vigilâncias ou estratégias de controles que intentam manietar o corpo, distenderem a sua força simbólica e cultural, fechar ou limitar sua potência de encontro.

Cabe, então, ajustar a matriz teórica que preside este tipo de análise. Parte-se da compreensão que a prática social desenvolve práticas espaciais; é no circuito da ação social que o espaço emerge como condição e estrutura dessa prática. Em muitos casos, percebe-se que o sujeito age no mundo praticando espaço e conduzindo o seu corpo para afetar e ser afetado pelas formas e pelos arranjos espaciais.

No caso do portador de hanseníase, o confinamento sofrido pelo perigo do contágio, o fez perambular o um espaço que entra no regime de sua vida profunda:

Eu quiria, minino, queimar aquela desgraça que ia comer a minha carne, quiria acabar com ela no fogo; era eu contra ela, uma guerra. Eu tinha que ser mais forte. Assim: ‘Ó como é que eu sou forte ó!’ Queimava a perna tudo pra fazer graça pros ôtro, também, sabe? Mas ninguém sabia o quê que era, né? E já era a Hanseníase, né? Que adormeceu a perna, aí como eu sempre digo que uma doença às vez vêm pra ajudar, favorecer a gente na outra doença sabe? Todos nós é doente, ou de uma coisa ou de outra; não tem corpo perfeito como se fosse o céu redondo na cacunda do matuto...E todos nós temo alguma saúde, guardada na vontade de fazê as coisa. Pela vontade de vivê a saúde vai comparacê... Aí eu fiquei, passei muitos... uns três ano assim com um marelão, fiquei marelím mesmo e até desmaiar eu desmaiaava, né? Desmaia não é ruim, não: a gente esquece no tempo do desmaio que um dia sô, que um dia fui. Papai... disse ‘Que é a natureza mesmo, ora que não sarasse não apresentasse a doença logo, né? Tudo é por conta da natureza com os seus caprichos: pra que tanta coisa no corpo? Sangue, poros, veias, coração, bacilos, e todos os sistemas, o digestivo, o neuronal...Podia tê só um sistema: o do cosmos. Pra que um sistema menor dentro de um sistema maior dentro de outro sistema de outro e outro e outro quase pegano na mão de Deus?’ Por que se a gente num tiver o sangue ela, a hanseníase, não vai avante, né? Aí depois que tratô de mim, aí foi criou sangue e foi empapuçando já foi criando aquelas... aquelas mancha, caroço no rosto, as orêia assim chega ficava..., pelota na testa. Ce não imagina a fotografia que os ôtro tirava de mim com o seu olhar de espanto! Cê não imagina a dor de ver o espanto do outro andar dentro dos meus zóio! Eu era puro caroço: tinha virado ôta

coisa... Até um dia é... nós tava sentado debaixo de um pé de laranjeira, meu pai falô assim: 'Meu fio, cê quer ir lá pro leprosário?' Eu falei: 'Quero!' Falei mais depressa por que ele já tava doente, né? Já tava velho! E já tava começando a dar trabaio, o pior do mundo é dar trabaio pros ôtro, o pior de tudo foi vê o meu pai chorá sem lágrima, chorá com os zóio...Mas o mio de tudo foi vê a alegria dele sabê que eu quiria tratá...Naquele momento, eu nasci de novo, nasci como todos os nascimentos entre o chão que pisa, no futuro que não se sabe nunca, e perante a luz que testemunha todos os nascimentos...Eu pensei: logo o meu pai morre e eu vou ficar dando trabaio pra famia a mesma coisa. Aí, mas eu vou lá pro leprosário que lá se morrê num dou trabaio pro meu povo porque a notícia lá disse que ia chegando aqui, eles punha a gente pra andar num corredor. O corredor eles falô certo que aqui todos os pavilhão têm corredor no meio, né? Corredor é sempre parede apertada, perigosa, sem vento, sem liberdade...O corredô não tem paisagem, nem a brincadeira do vento nos ombros dos lado...Se a natureza não inventô o quadrado, o corredô domina a nossa visão. Passava certo lugar assim que eles apertava um botão na parede e a gente... derrubava a gente lá embaixo, encima do fogo e o fogo queimava a gente e por baixo passava o rio e já levava as cinza, sabe?

A leitura metafórica do corredor dos pavilhões, lugar fechado e controlado, forma espacial própria para não deixar escapulir nenhum movimento, demonstra que o confinamento fez unir a doença e o espaço. E isso se agrava com o olhar de repulsa daquele que vê sustentado na perspectiva do preconceito ou do medo. Mas é esse olhar, afigurado pela paisagem do corredor, que deve ser enfrentado. O enfrentamento é vitorioso quando se produz outra visão da paisagem, da vida e do mundo.

#### **4 - OS MÚLTIPLOS LUGARES: a doença como paralisia e a saúde como fluxo**

O sinal orgânico de qualquer doença, a sua semiologia epidérmica central, é a dor. Mas o seu resvalo intenso ocorre quando ameaça o sujeito de sofrer uma paralisia social, deixar de trabalhar, não poder namorar, estudar, viajar, sonhar com outros encontros e com outras possibilidades sociais.

Ao proceder assim, interfere na lei central da vida: o movimento. E distende o que desdobra do movimento: o encontro, a comunicação, a interação e a troca. Há casos que o indivíduo coloca o seu nome no curso da doença, move-se apenas para repará-la, age simbólico e subjetivamente para afastar os veres sobre ela. Em muitos casos, chega-se a confundir com a própria doença. Ela torna-se razão identitária. Transformamos uma narrativa que incursa nesse campo para mostrar a multiplicidade de lugares de um sujeito e a repercussão da doença nesses lugares:

Nascemos num lugar dentro do corpo da mãe; a mãe está num lugar dentro de uma casa ou de um hospital; esse está num lugar na cidade ou no campo que, por vez, está num lugar dentro do Estado, de um país, de um continente. Mas há outros lugares – os de dentro, os que não se enxergam, não se pisam, não se tocam.... O meu lugar no olho daquele que me vê; o lugar do estranho na sensação do meu espanto; os trieirinhos da alma, cada coisa sentida, cada afeto recebido, cada desejo não cumprindo. Ou mesmo os rios das paixões desacertadas, os mares transbordantes de medo que quiseram se transformar em dores...Sempre perguntamos “qual é o meu lugar?” O lugar do meu nome na língua...

“Qual é o meu lugar?” - essa a pergunta básica e frequente do que sofre uma doença com o peso de sentido como é o caso da hanseníase. O narrador apresenta a sua trajetória, oferecendo, de início, o que é primaz: o seu nome para, posteriormente, mostrar as rupturas com a família, com as instituições, com o próprio corpo até que chega num lugar efetivo: o da doença e de sua luta contra ela:

Meu nome veio das grotas do sertão. De dentro das grotas, foi saindo, foi saindo. Depois, subi a colina, vortei, fiquei na planície. Sou do Estado do Tocantins, vim de lá há muito tempo, né. Que eu vim de lá em cinqüenta e oito, desde de cinqüenta e oito que eu tô morando aqui nesse lugar. Afim de tratamento, credito eu que agora tô... consegui. Estou mutilado mas num tô mais tratando do pobrema, né? Nós aqui todo somo mutilado por causa da doença,

ela pega a gente de jeito, pega no corpo, fere ele, joga ele contra a gente... Então tô aqui morando por que num tenho pra onde eu ir mermo, né? Eu só tenho esse lugar que não é meu... Então tô aqui morando direto, né? Enquanto eu puder, né? Agora se algum dia Deus me ajudar que eu possa sair, eu saio, né? Como eu ja sai uma vez e tornei voltar, né? Que eu tive... que eu quebrei uma perna e tive que vortá pra cá, né? Ja morei ali do outro lado uns ano, já, né? Num foi muito, muito não. Que eu tava achando bom mesmo mas ai eu tive... que aconteceu esse desastre eu tive que vir. Que eu morava sozinho numa casa, né? Essa doença separa a gente dos ôtro, deixa a gente sozinho, nasce pasto dentro da gente, nasce arvre, nasce tudo: nasce pedras... Então não tinha quem fizesse as coisa pra mim ontonce eu tive que vir. Eu vim para compô a minha idade, o meu tempo. Ó minha idade, eu tô dentro dos Setenta e dois ano já dentro dos setenta e dois que eu sou de Trinta e dois, né? Tem um bocado de tempo já. Vou morrer bem veão. Em Tocantins era o meu lugar, lá eu tinha minha mãe e depois minha mãe faleceu e eu fiquei sozinho com um irmão, né? Eu tenho um irmão que mora lá, né? Então eu fiquei morando com ele, depois eu trapaiei e tive que vir embora pra cá e ele teve que ficar lá sozinho. Hoje em dia ele mora lá, eu moro aqui, né? Quando ele pode, ele vem aqui me visitá, torna voltar pra lá, né? É pai de famia, tem a famia já criou tudo, né? Então tá morando lá e eu moro aqui. Já andei lá uma vez, né? Tô pretendendo se Deus me ajudar dessa saúde que tá ai qualquer um tempo desse quero ir dá um passeio lá se Deus quiser! Então minha vida tem sido uma vida assim muito triste. É uma vida sem o lugar meu... Num é muito boa não! Mas a gente sempre pelejando pra viver, sempre pelejando. Por exemplo assim, a tristeza mais é que a gente fica longe da famia, né? A doença tira a gente da famia... Então aquilo a gente fica aborrecido. Mas o povo aqui são bom aqui com a gente, os colega, né? Os irmão de sofrimento. Num deixa de ter alguma coisinha que todo lugar tem, né? O ser humano parece que nunca nasce de tudo, nunca vive de tudo, nunca morre de tudo...Ele vai sendo aqui e ali, jogano uma rede de pescar o tempo, ora é pescado, engolido, ora pega uma luz e acha que já venceu, que já cumpriu o seu mandamento, então reza, olha o céu e esquece, depois alembra que esqueceu e fica apavorado, de repente olha um outro e sente a maior ternura do mundo, ou uma raiva que não sabe de onde... Um pobleminha, outro probleminha, outro probleminha mas a gente vai...Vai e vorta, peleja, né...Eles releva a gente e a gente releva tamém, né? Então vai indo, tudo bem graças à Deus, vai indo!

A perda do lugar o fez ganhar a peleja como sentido. E a peleja ocorre num fluxo surpreendente: ora a doença é curada, ora ela volta brava ou sorrateira, ora o sujeito se anima, ora se sente infeliz. Há momentos de ira, desamparo, solidão, mas há momentos de ternura. A vida torna-se pescaria. O mais importante é que, às vezes, a estratégia é produzir um esquecimento que, além de aliviar, deixa a consciência tranqüila para agir em direção a outros fluxos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada com o sujeito portador de hanseníase, além de imprimir um saculejamento em nosso sistema de representação, nos exigindo mais atenção e sensibilidade com o sofrimento do Outro, nos induziu a pensar que, de fato, qualquer tipo de doença – e qualquer tipo de doente – sofre representações que pode facultar processos de anemia vital.

O pior é quando a representação externa é internalizada pelo doente, fazendo com que a doença ultrapassa a dor física e gera a dor psíquica e moral. A costura das representações é complexa mas é edificada pelas disputas das instituições hegemônicas. Numa sociedade guiada pelo trabalho, timbrada pelo sucesso e afirmada pela ideologia de “competência do indivíduo”, a doença é um sinal de aproximação com a morte.

Mas ao contrário do que se pode imaginar, em muitos casos os sujeitos imersos nas doenças e em suas representações, vão no fundo de si mesmos, e tomam coragem para desenvolver processos de saúde antes não realizados. Daí, poder dizer que não há doente

sem potência de saúde, e não há um sujeito saudável sem ter, um pouco, a doença do mundo.

Em se tratando da pesquisa que realizamos, outra consideração deve ser feita: o espaço, sua organização, sua gestão e seu controle participam da efetivação da doença-saúde, pois não há prática social desvinculada de práticas espaciais. Viver num espaço isolado como é o asilo, como foi visto, cria enlouquecimento, reduz os laços de sociabilidade, confina a mente e intervém no processo de significação dos sujeitos.

Ao perceber que saúde-doença tem a participação direta da organização e da estrutura espaço, somos levados a considerar que há uma dimensão política nos saberes que se ocupam em definir os graus letárgicos da doença. Cabe ver também que as instituições, ao tomarem posse desses saberes, erigem ações que seccionam o doente, separa-o do dito "normal". Podemos então afirmar que a doença é ideologizada.

Essa reflexão nos leva a pensar a doença-saúde como um campo de disputa política, de confronto de visões e de representações. A metodologia adotada na pesquisa, ao colher os testemunhos de vida do sujeito portador de hanseníase, evidenciou que a fala simples desse sujeito, a narrativa de seu sofrimento, suas táticas de vida, suas rebeliões, seus medos e suas superações etc, são testemunhos históricos de uma organização espacial definido politicamente.

Valemos então desse pressuposto: os sujeitos combatidos, subordinados nos esquemas de poderes hegemônicos, precisam dizer a sua vida e o seu nome.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. de. Almeida. Sobre a memória das cidades. Território, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, jan/julho. 1998, p.5-26.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. Geografia Contemporânea de Goiás. Goiânia: Ed. Vieira, 2004.
- ARROYO Miguel D. Imagens Quebradas – trajetórias e tempos de alunos e mestres, Petrópolis – RJ: ed. Vozes, 2004.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Brasília; IPEA, 2000
- BARCELOS, T. Maia. Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba, Tese de doutorado, São Paulo: PUC-SP, 2006
- BARREIRA, Celene Cunha M. Antunes. A região da estrada do Boi: usos e abusos da natureza. Goiânia: CEGRAF, 1997
- BONVICINO, Régis. Outros Poemas, São Paulo: Iluminuras, 1993
- BORGES, Barasanufo Gomides. Goiás nos quadros da Economia Nacional: 1930 – 1960. Goiânia: UFG, 2000
- BORBA, Odiones de F. Cidade de Goiás: redefinição de usos e formas. Dissertação de mestrado – UFG, 1998
- CASTILHO, Denis. Tempo do Espaço, Tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai. Goiânia; Ellos, 2007
- CHAUL, Nasr Fayad. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade, Goiânia: CEGRAF, 1997.
- EIDT, Letícia M. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira, In. Saúde e Sociedade, V.13, N.2, p.76-88, São Paulo: SP, 2004
- DELEUZE, Gilles. Diálogos, São Paulo: Ed. Escuta, 1998.



DEUS, João Batista. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMIDA, M.G e Et Alli (org). Abordagens de Goiás: o Natural e o Social na contemporaneidade. Goiânia: IESA, 2002.

DOURADO, Odete. Para sempre, memória. Revista Rua, Salvador, v.2, n.3, Jan. 1989, p., 65-74

DOSSIÊ – Inscrição da cidade de Goiás na Lista do Patrimônio da Humanidade, 1999.

GONÇALVES, Carlos Walter P. A globalização da natureza e a natureza da globalização, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GUATTARI, F. & ROLNIK S. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

HAESBERT, Rogério. Território Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

JÚNIOR, Ricardo S. de Jesus. Espaço urbano e criminalidade na região Noroeste de Goiânia-Go: a visão dos sujeitos sociais (2004), dissertação de mestrado, Uberlândia-UFU, 2005.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

LIMA, Samuel do Carmo e GUIMARÃES, Raul B. Determinação social no complexo tecnopatogênico informacional da Malária, In: HYGEA, Revista brasileira de Geografia Médica e de Saúde – 55 -77, Uberlândia-MG: UFU, 2007.

MAIA, Carlos E.S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das festas Populares. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. Lobato. (Orgs) Manifestação da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MARICATO, Ermínia. Metrópole na Periferia do Capitalismo: legalidade, desigualdade e violência. São Paulo, 1996.

MENEZES, Eleuzenira Maria de. Migrações. Migrações para Goiânia – Os nordestinos (1930 – 1970). Dissertação de Mestrado em História, 2004

PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Nota de Pesquisa – O mapa cultural de Goiás. In: Revista Ateliê Geográfico, v. 2, n 3, p. 162- 168.

PELBART, P. P. A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio e Janeiro: Imago, 1993

PELBART, P. P. A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000

PELBART, P.P. Vida Capital: ensaios de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PORTUGUEZ, A. Pereira. Consumo e espaço: turismo lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo e Pinsk, Jaime (Orgs). Turismo e Patrimônio Cultural, São Paulo: contexto, 2001

RODRIGUES, Uelinton Barbosa. Migração Internacional dos goianos: a desterritorialização globalizada do trabalho. Dissertação de Mestrado. Goiânia, IESA/UFU, 2007

ROLNIK, S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999

SIMÃO, Maria Cristina R. Preservação do patrimônio cultural das cidades. Autêntica: Belo Horizonte (MG), 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes. O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. RJ: Bertrand Brasil, 2000

VILLAVICENCIO, Ricardo Javier. Análises compardo de La transición demográfica Y de La transición epidemiológica em La província de San Juan, Argentina. In: HYGEA, Revista brasileira de Geografia Médica e de Saúde – 15 -27, Uberlândia-MG: UFU, 2006.

ZANCHETI, S. Et e al (org). Estratégias de intervenção em áreas históricas: revalorização de áreas urbanas centrais. Recife: UFPEMDU, 1995.